

NOSSA AGECEF

O Jornal da Associação dos Gestores da Caixa - Bahia

Nº 87 - DEZEMBRO 2021

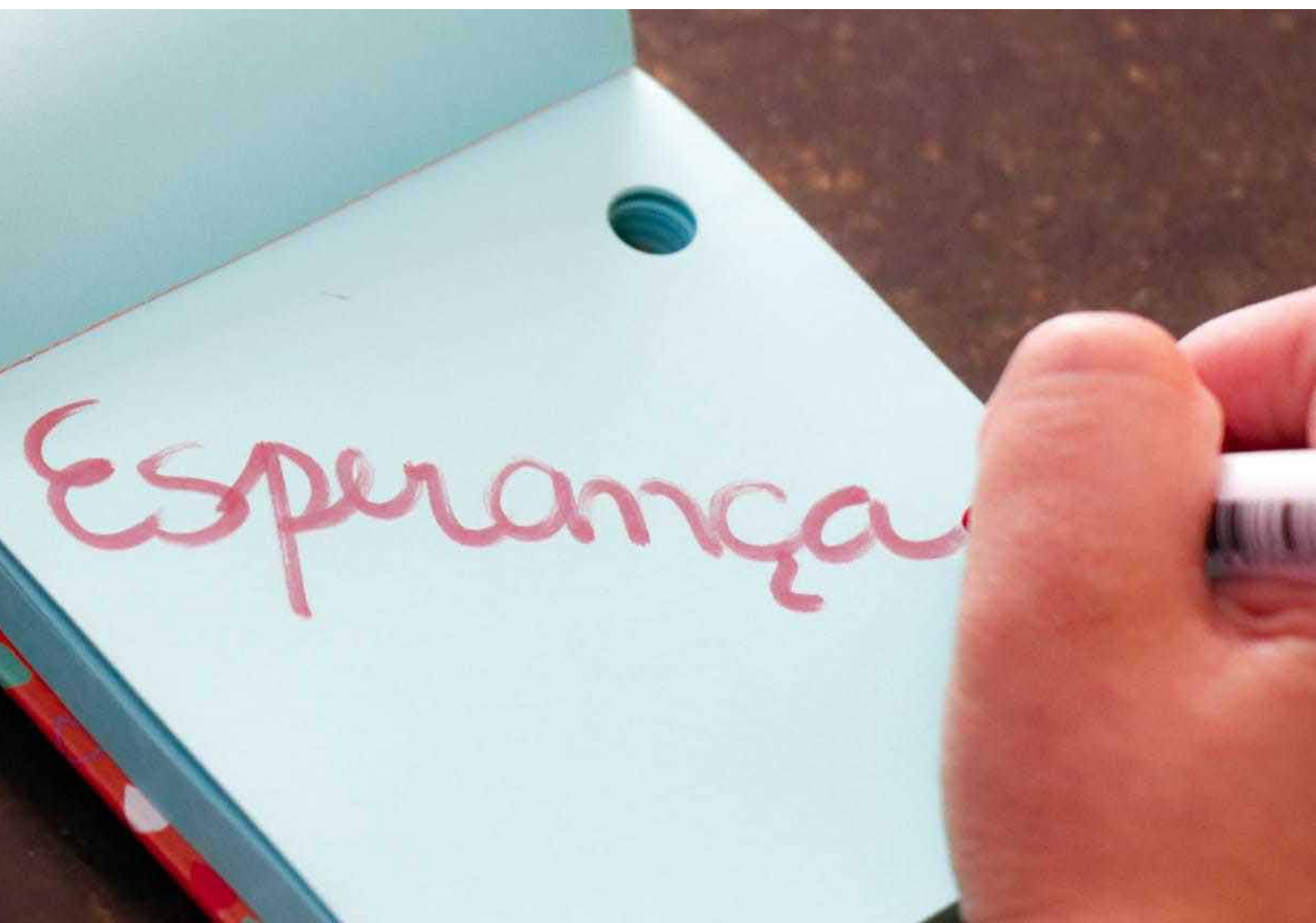


PRESIDENTE: CARLOS ALBERTO AFONSO COSTA

Renovar a esperança

São muitos os desafios para 2022. Com a tendência de melhora da pandemia, é hora de renovar as esperanças e concentrar as energias nas campanhas salarial e eleitoral, para garantir direitos e eleger representantes com compromisso com os trabalhadores.

Página 3



RETROSPECTIVA 2021

A Caixa faz a diferença

Os anos de 2020 e 2021 foram muito desafiadores. Todo o mundo sofreu em algum grau os impactos da pandemia do coronavírus. Com os empregados da Caixa não foi diferente. Mesmo com redução drástica do quadro de pessoal, os trabalhadores deram conta do recado e ajudaram milhões de brasileiros atingidos pelas crises sanitária e econômica.

Mesmo com a cobrança interna e as ameaças de perda de direitos, durante dois anos os empregados da instituição financeira



mostraram um enorme compromisso com toda a sociedade. A atitude reafirma a importância da Caixa para a retomada do crescimento nacional.

A Caixa ganhou ainda mais destaque com a crise sanitária, por realizar operações de políticas públicas, o que não é uma novidade. O banco sempre atuou e foi fundamental para que programas como Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida, Fies e Prouni, acontecessem. A pandemia ressaltou a importância do seu papel, e reafirma a necessidade de se manter como empresa 100% pública.

Desmonte é uma ameaça real

O ano de 2021 foi marcado pelo avanço das investidas do governo federal para privatizar as subsidiárias da Caixa. As vendas ganharam força em abril, com a abertura de capital da Caixa Seguridade, subsidiária responsável por consolidar as atividades

da estatal nos ramos de seguros, um negócio altamente lucrativo – tanto que, mesmo com a pandemia, teve aumento do lucro líquido em 5% em 2020.

A abertura de capital das subsidiárias tem enorme impacto econômico e social na vida de milhões de brasileiros, inclusive dos baianos. O único banco 100% público do país tem uma grande participação na vida financeira das pessoas, que utilizam há

anos suas linhas de crédito diferenciadas, e, principalmente, na vida daquelas que dependem de programas sociais.

Para se ter uma ideia da grandeza da participação da empresa no dia a dia dos cidadãos, dos R\$ 74 bilhões de operações de crédito ativas no Estado, R\$ 35,1 bilhões pertencem à Caixa. Desde 1995, o FGTS executou R\$ 19,9 bilhões em obras de saneamento, habitação e infraestrutura na Bahia.

MEXEU
COM A CAIXA
MEXEU COM
O BRASIL



Resistência garante o Saúde Caixa

O Saúde Caixa esteve entre as principais defesas dos empregados do banco em 2021. A direção da empresa tentou por várias vezes mudar as regras do plano de saúde, com aumento das mensalidades e cobrança individualizada, por faixa etária. Mas, a Comissão Executiva dos Empregados se manteve firme na busca por uma proposta viável a todos. Finalmente, em outubro, a direção da empresa cedeu e os princípios básicos foram mantidos - solidariedade, pacto intergerencial e mutualismo.

Depois da aprovação dos empregados ficaram mantidas a proporção 70/30 (sendo 70% de contribuição da Caixa e 30% de contribuição dos empregados), a contribuição de 0,4% por dependente, limitada a 0,8%, ou seja, mesmo que o participante tenha mais de dois dependentes, sua contribuição não ultrapassará 0,8% e a manutenção do limite por ano de coparticipação: desde janeiro em R\$ 3.600,00.





Um importante desafio em 2022

Se em 2021 os brasileiros precisaram de muita força para barrar a agenda do governo federal, que tem entre as prioridades, a retirada dos direitos dos trabalhadores, o ano de 2022 promete batalhas ainda mais intensas.

Os desafios são muitos, inclusive para os bancários. Basta lembrar de todos os projetos e medidas provisórias enviadas ao Congresso Nacional em 2021 e que atacavam diretamente a categoria. É o caso da MP 1045 - chamada de minirreforma trabalhista. O texto aumentava a jornada de trabalho dos bancários e comprometia as horas extras.

Não foi só isso. O Projeto de Lei 1043/19

que permite que as agências funcionem aos sábados e domingos foi desenterrado da noite para o dia. A votação só não aconteceu por pressão das entidades representativas. A categoria ganhou um fôlego. Mas em 2022 os debates podem retornar no Congresso Nacional. Outra ameaça é o decreto 10.854 que pode acabar com os vales alimentação e refeição.

Diante do cenário, as prioridades em 2022 têm de ser a campanha salarial e as eleições de outubro. Somente com parlamentares comprometidos com a agenda do trabalhador será possível evitar mais perdas de direitos. Para isso, só interessa a vitória da democracia social.

FUNCEF: mais dor de cabeça



Mais um ano passa e os problemas na FUNCEF continuam. Depois de registrar saldo positivo por alguns meses, a Fundação registrou déficit de R\$ 1,54 bilhão no consolidado até setembro. A meta atuarial era de 10,81%. Mas a rentabilidade dos investimentos ficou em 7,94%. Agora, no acumulado, o saldo negativo é de R\$ 5,648 bilhões.

De acordo com a FUNCEF, a crise econômica, com a alta da inflação e a queda das ações na Bolsa de Valores, especialmente dos papéis da Vale SA, foram os principais responsáveis pelo resultado negativo.

Apenas o Novo Plano e REB, modalidade Benefício Definido (participantes aposentados), atingiram a meta atuarial. A rentabilidade dos planos foi de 11,75% e 11,26%, respectivamente. Já na modalidade Contribuição Definida (participantes ativos), a rentabilidade acumulada no terceiro trimestre foi de 3,80% no Novo Plano e 2,75%, no REB. REG/Replan, com maior concentração em Vale, rendeu 9,56%, no Saldado, e 7,81% no Não Saldado.

Estatuto Fragilizado

As mudanças ocorridas neste ano no estatuto da FUNCEF retiram direitos, fragilizam o processo eleitoral e ainda criam instabilidade permanente na gestão. Muita coisa está em risco. A FUNCEF é o terceiro maior fundo de pensão do país, com R\$ 80 bilhões em ativos e cerca de 135 mil participantes.

FENAG: Planejamento

Durante reunião de Planejamento Estratégico da FENAG, no início do mês, o Nordeste protagonizou as discussões com a pauta sobre resistência e luta. O vice-presidente da AGECEF-BA e presidente do Conselho Deliberativo da FENAG, Antônio Messias, fez um dos discursos mais emocionantes do encontro, chamando todos para manter a unidade de luta e resistência. "Queremos mudanças e, para isso, precisamos inovar em nosso movimento. Precisamos planejar a resistência, unidos e coesos na luta".

Nota do Nordeste

As AGECEFs de todo o Nordeste emitiram, em conjunto, uma nota de repúdio contra a atual forma de gestão da Caixa. Nos estados da região estão cada vez mais recorrente os casos de gestores punidos com transferências ou descomissionamentos sem a devida apuração dos fatos. Com base apenas em análises subjetivas.

AGECEF no presencial

Com o avanço da vacinação e, consequentemente, a redução dos casos de Covid-19 no país e na Bahia, a AGECEF retoma as atividades presenciais, com atendimento aos associados e as reuniões quinzenais. Para 2022, a Associação planeja alguns encontros especiais e a retomada dos cursos.

Diante do número crescente de gestores esgotados mentalmente, também estão previstas aulas de relaxamento, como Yoga. É importante que os associados participem das iniciativas e marquem presença nas reuniões.

Déficit de pessoal

O desmonte da Caixa vai além da venda das subsidiárias. Internamente, a direção do banco extingue setores importantes e mantém um déficit de pessoal absurdo. A instituição perdeu cerca de 20 mil empregados. Já a carteira de clientes saiu de 90 milhões para mais de 145 milhões em apenas dois anos de pandemia. A atual política de gestão compromete a execução das políticas públicas e a existência da Caixa.

2021: estresse e adoecimento

Mais de 145 milhões de pessoas. Esse é o número de brasileiros que passaram a utilizar os serviços da Caixa nos últimos dois anos. São pessoas que, por conta da pandemia, necessitaram do auxílio emergencial, fizeram o saque Emergencial do FGTS, de outros programas sociais ou clientes que mantêm investimentos na instituição. Mesmo com os desacertos da atual gestão do banco, os mais de 81 mil trabalhadores arregaçaram as mangas e fizeram a Caixa cumprir seu papel como banco público e social.

O problema é que a empresa quer muito mais e impõe uma política de medo e ame-

aças constantes. Em meio a pior pandemia da história da humanidade, com mais 600 mil mortos somente no Brasil, a direção da Caixa aumentou as metas, obrigando os empregados a trabalharem ainda mais para alcançar o objetivo. As jornadas passaram do estabelecido em acordo. Sem falar nas reestruturações, que pegam todo mundo de surpresa.

Nesse cenário, quem mais sofre são os trabalhadores, que acumulam atividades e adoecem. Os dados não deixam mentir. Uma pesquisa feita pela FENAE revelou que

20% dos empregados ativos da Caixa apresentam depressão ou ansiedade. E 47% já tiveram conhecimento de algum episódio de suicídio entre colegas.

Outra pesquisa feita pela FENAG mostrou que quase metade dos gestores (46,4%) sofreu ou testemunhou algum caso de assédio moral nos últimos tempos. Sobre as metas, 68,24% consideraram inadmissível o aumento das cobranças e 51,57% não entendem o real propósito e o impacto na sociedade e na própria Caixa dos resultados exigidos.



#TBT

Vale a pena relembrar

Depois de quase dois anos sem encontros presenciais, em decorrência da pandemia e da necessidade de distanciamento, os gestores da Caixa em Salvador finalmente puderam matar a saudade, na Confra da AGECEF. A festa foi sucesso e deixou aquele gostinho de quero mais. Com o avanço da vacinação, outros encontros começam a ser pensados para que os gestores se aproximem ainda mais da AGECEF-BA e também troquem experiências fora do ambiente de trabalho. Afinal, são esses momentos que fazem a vida valer ainda mais a pena.

